

Em defesa do jornalismo

ou a irritação produzida num pole
mista por quem não é polemista



FINAL o sr. Raúl Proença não é a mesma pessoa que, com as iniciais R. P., anunciava no número 83 da «Seara Nova» ir deixar, a «escorrer em sangue» o autor do artigo intitulado «Em defesa do jornalismo», inserto nas colunas deste «Suplemento». Ainda bem que não é, já porque essas iniciais têm seu quê de fúnebre e o sr. Raúl Proença é uma pessoa de vida exuberante, já porque o tom do eco «Um tal J. B.» difere muito

do artigo «J. B. ou le polémiste imaginaire», agora publicado na «Seara». Merece o artigo resposta em termos bem mais suaves dos que a linguagem do eco exigia. O sr. Raúl Proença que perdera a compostura no n.º 83 da «Seara», vestiu o casaco no n.º 84. Sempre é mais decente.

O sr. Raúl Proença reconheceu que se enganara, que fôra precipitado no seu juízo. J. B. poderá ser um «arrieiro analfabeto», o que o sr. Raúl Proença nunca poderá provar é que J. B. é «um rafeiro que ladra e morde nas canelas» de quem quere que seja. Isto, pela força do axioma: «cão que ladra não morde»...

Deve ser desagradável para um vigoroso panfletário, tido como tal pelos mais ignorados jornais da província, levar tanto tempo a ordenar a resposta a um pobre escrito e ao cabo não cumprir sua palavra, não deixar a «escorrer em sangue» o antagonista. Todos os que conhecem o sr. Raúl Proença e os três ou quatro que não desconhecem inteiramente o autor do artigo, aguardavam este espectáculo terrificante: uma montanha de carne, cêbo e ideas a abater, formidável, sobre o verme que ousara fitar o sol. E figuravam o sr. Raúl Proença, como um cortador hercúleo, revólto os caracóis de melena, pendente a bigodeira, boca espumante, mangas arregaçadas, de facalhão em punho — a estolar um coelho...

Enganaram-se todos. O sr. Raúl Proença não esfola nada. Não deixa a «escorrer em sangue» ninguém. Ou antes, só pratica essa operação em quem tem o corpo chagado pelas peores mazelas. E o que escorre então é pú.

Ora, de mim, ¿ que havia de dizer o sr. Raúl Proença? ¿ Que não sou um polemista? Nunca me jactei de o ser e ninguém ignora que o não sou e que só o meu antagonista o é neste país e talvez no mundo. ¿ Que não tenho a sua cultura e a sua disciplina mental? ¿ E que culpa posso eu ter disso? ¿ E' porventura um crime não ser inteligente, não ser sabedor, não possuir a lucidez, a agudeza e a ilustração de que só os raros eleitos, como o sr. Raúl Proença, dão provas?

No seu artigo do último número da «Seara», o meu antagonista doutrina, confusamente, mas doutrina. E em meu desabono só alega que tenho «os pés compridos». Peço meças: eu calço 37, sr. Raúl Proença. Acrescenta ainda que não sei escrever, — o que é verdade; que não sou um cerebral — o que é exacto; e que «uma análise científica» deve revelar em mim «ancestralidades de eguações arremengadas». Neste ponto que se pronunciam sábios e genealogistas, de mim só sei que sou filho... das tristes hervas. Quanto à escrita, vou aprender: com o sr. Professor José Guerreiro Murta que tem uma «Arte de redigir», parece que sem mestre, ou no estilo claro, dútil, fluente do sr. Raúl Proença. Serei depois, talvez, um

«cerebral», visto que como «medular» só me são permitidas, por enquanto, as «noticias de môsco, crimes passionais, suicídios, abortos, chegadas de chefes políticos, atropelamentos» e outras miudezas de que os «primeiros jornalistas da república» não curam.

Devo declarar ao sr. Raúl Proença que nunca o meu engenho foi solicitado pelos assuntos que enumera, dos quais só ignoro o que seja «noticias de môsco». Também nunca fui incumbido de tratar dêles pelos meus chefes de redacção. Só quem não é jornalista, porém, pode referir-se com tamanho desprezo aos chamados *faits-divers*. Escrever duas páginas da «Seara Nova» a quinze dias de vista, fá-lo qualquer que tenha o talento do sr. Raúl Proença. Sintetizar em meia dúzia de linhas um acontecimento de rua, ocorrido às três horas da madrugada e que o jornal, às cinco ou seis, leva impresso a todos os recantos da cidade — é a manifestação duma faceta do talento do jornalista, que eu ousou crer que o sr. Raúl Proença não tem.

Este artigo que eu bem desejaria fôsse o segundo «em defeza do jornalismo» degenerou, bem contra minha vontade, em defeza de mim próprio. Que me perdõem os camaradas por amor dos quais arrotei com as fúrias do sr. Raúl Proença. E' doloroso, para quem tão apagadamente vive e tão propositadamente se apaga, ter assim de falar de si, ainda que em legitima defeza dos principios que julga propagar. Prometo, porém, não reincidir.

¿ Que me permiti eu censurar ao sr. Raúl Proença? A sua campanha contra um *único* politico, quando era mister atacar a *todos*. ¿ Que responde o sr. Raúl Proença? Que atacou mais quatro e «tantos outros» — que não cita. E ri de quem, pretendendo que se ataquem *todos os politicos*, considera *inimigo do género humano*, como se o género humano fôsse constituído por politicos. Atacar *todos* os politicos não é atacar *homens* é atacar *sistemas*. E' atacar a *politica* e *todos* que se julgam sagrados por um poder, decerto sobrenatural, para governar e oprimir os seus semelhantes. Isto será simplista, mas parece ser lógico. ¿ Que dizer do livre-pensador que reconhece só como má e perigosa a religião católica, quando tôdas as religiões têm idénticos objectivos e exercem a mesma acção deprimente na alma humana? Que ou é um faccioso ou um ignorante. Ora o sr. Raúl Proença não é um ignorante dos malefícios da politica.

¿ De que censurei eu mais o sr. Raúl Proença? Da sua extrema filaucia de «primeiro jornalista», de insinuar que os jornalistas que trabalham nos grandes diários estão identificados com o pensamento dos donos dêles e de se ter por muito honrado com o escrever sem remuneração, como se delicto fôsse receber alguém paga pelo trabalho que produz.

A questão da vaidade pessoal do sr. Raúl Proença só interessava, como disse, secundariamente. Desde que êle próprio abdica do titulo de «primeiro jornalista da república», dando decerto a primazia ao sr. Amadeu de Freitas, que também era um dos candidatos — não falemos mais nessas fraquezas.

O sr. Raúl Proença gasta muitas palavras para verberar a obra anti-social da imprensa, de certa imprensa, pelo menos. Mal avisado anda, porém, responsabilizando por essa obra

os jornalistas e com isso demonstra a sua ignorância da mecânica dos jornais e foi porisso que me permiti levantar o agravo, ou antes apontar o êrro. Sobre este ponto já escrevi o bastante no anterior artigo. Se os jornalistas tivessem liberdade para escrever nos jornais onde trabalham, o jornalismo tomaria outro rumo, mais consentâneo com os desejos do sr. Raúl Proença e com os meus. Uma coisa, porém, é não dar liberdade para escrever verdades e outra é compêlir a escrever mentiras. A esta situação não chegámos ainda e espero que não chegaremos.

Acêrca do estipêndio, declara o sr. Raúl Proença, que não o ataca. Ainda bem que o diz, para nosso esclarecimento. Receei que tomasse vulto a sugestão contida no passo da carta a que alude. E' que amanhã o «primeiro jornalista» não seria o que escrevesse de graça, como o sr. Raúl Proença, seria aquele que ainda pagasse para lhe publicarem os artigos, ficando, embora, com o pulso livre, como os criados dos cafés, para receber as gorjetas...

Saiba o sr. Raúl Proença, lealmente lho declaro, que não pretendi insinuar nada acêrca da sua vida de funcionário. Prestei até homenagem, se bem me recordo, à sua actividade profissional, que é notável. E se não a prestei presto-lha agora. Não está em causa o Chefe da Divisão dos Serviços Técnicos da Biblioteca Nacional de Lisboa, sr. Raúl Sangreman Proença.

O sr. Raúl Proença fecha o seu artigo com um generoso conselho. Apiedado com a «minha miséria fisiológica», que ficou conhecendo de-certo daquela meia hora que passámos juntos na Esquadra do Teatro Nacional, recomende-me o uso do «Histogenol». E' o curandeiro, é Mr. Homais, o boticário, a revelar-se. Pois vou usar a receita. E obrigado pelo diagnóstico. Ainda bem que a minha miséria é só fisiológica. Poderia ser muito pior. Poderia ser moral sr. Raúl Proença.

J. B.

==== O caso Maria Alves!... Que monstruosa sociedade! Se se tratasse duma mulher honesta que morresse atropelada por algum automóvel burguês, egoista e apressado, para não dizer... malvado — o jornal de grande informação só teria umas simples linhas para relatar o caso aos seus leitores!

Francamente, neste meio social estúpido e corrupto que se desfaz em podridão, morrer por morrer, ainda vale mais ser morto por um bandido da pior espécie, por um clínico que não confesse logo o seu crime, do que ser atropelado por um irracional com cara de gente, por um *arreda* que nem *arreda* diz!

Que sentimentalismo tão doentio, o dum povo obcecado por uma imprensa mentirosa, que não tem olhos para vêr tanta coisa torpe que se passa constantemente em volta de nós! Até há quem, não sendo partidário da pena de morte, entenda que para um caso destes era bem aplicada!

Simplesmente não vêem que a pena de morte é o mais monstruoso crime que a humanidade tem praticado, com tôdas as agravantes que tornam infame um criminoso: A premeditação, a cobardia, abusando-se dum ser que está prêso, incapaz de fugir ou de se defender, e dar-lhe, ainda por cima, a saber com algumas horas ou dias de antecedência que lhe vão tirar a vida, a sangue frio, com todos os requintes de perversidade! Não vêem que a pena de morte é um simulacro de justiça, que o direito de punir não existe, mas apenas o de defesa, e apresentam como argumento *de pêsso*, o facto dessa monstruosidade se praticar em países que se têm na conta de civilizados! Simplesmente não está provado que realmente o sejam, e enquanto essa prova se não fizer, continuaremos a ser adversários irredutíveis não só da pena de morte, mas até do chamado direito de punir, devendo antes o criminoso ser tratado como um enfermo que, quando perigoso, deveria ser isolado do meio em que vive para não contaminar maior número de indivíduos e produzir mais vítimas.

Esclarecendo o que acima se lê, devemos dizer que entendemos por mulher honesta, aquela que não faz do seu corpo mercadoria que se aluga ou vende a quem melhor paga... — AVILOS